

Um encontro com as ruínas

An encounter with the ruins

Fabiola Fonseca

 0000-0001-6349-1503
fabiolafronsecu@mast.br

Resumo

Este texto constitui uma cartografia que se propõe a narrar a história das ruínas de Villa Epecuén, vilarejo próximo à cidade de Carhué, a partir de imagens produzidas durante uma visita ao local. Ao narrar essa experiência, buscamos nos debruçar sobre as questões do Antropoceno para enfatizar a potência da arte em um mundo marcado por escombros. O texto entrelaça a narrativa de momentos distintos da visita com imagens fotográficas e discussões sobre o Antropoceno, na tentativa de propiciar um novo regime de visibilidade que vem com as imagens. Passamos a compreender as ruínas não apenas como vestígios de uma catástrofe, mas como arquivos dos modos coloniais de habitar a Terra, expondo a violência do modelo exploratório que sustenta o Antropoceno. As imagens, como testemunhas de um mundo que desapareceu, são trazidas para que isso não seja esquecido como acontece com tantas outras histórias. É assim que apostamos em novos modos de habitar a Terra que contribuam igualmente para outras possibilidades de pensar, agir e sentir-com e nos torne capazes de outros modos de habitar o mundo e de construir relações mais sensíveis.

Palavras-chave

Antropoceno. Ruínas. Multiespécie.

Abstract

This text constitutes a cartography that seeks to narrate the history of the ruins of Villa Epecuén, a small village near the city of Carhué, through images produced during a visit to the site. In recounting this experience, we engage with the questions of the Anthropocene in order to emphasize the power of art in a world marked by rubble. The text intertwines narratives of distinct moments from the visit with photographic images and discussions of the Anthropocene, in an attempt to foster a new regime of visibility emerging through these images. We come to understand the ruins not merely as remnants of a catastrophe, but as archives of colonial ways of inhabiting the Earth, exposing the violence of the extractive model that underpins the Anthropocene. The images, as witnesses to a vanished world, are brought forth so that these histories are not forgotten, as happens with so many others. In this way, we invest in new modes of inhabiting the Earth that may equally contribute to other possibilities of thinking, acting, and feeling-with, making us capable of imagining different ways of dwelling in the world and of building more sensitive relationships.

Keywords

Anthropocene. Ruins. Multispecies.

Um certo fascínio pelas ruínas

Este texto nasce de um certo fascínio que passei a cultivar pelas ruínas há uns anos. Embora não seja possível precisar quando começou, posso dizer que ganhou força e espaço dentro do meu imaginário com a história de Fordlândia, uma ruína que merece um certo destaque. Entre as diferentes versões dessa história, a que mais me interessa é a que inclui a ação dos fungos, ainda que eu não tenha nenhuma certeza de sua veracidade: Fordlândia foi uma cidade criada e projetada, no auge da exploração da borracha na região amazônica do Brasil, para ser um centro de produção de pneus. A cidade apareceu como uma promessa de tornar a região mais próspera, desenvolvida e visível. Então para fazer a cidade existir, foram instalados galpões e plantações em série de seringueiras visando à extração do látex para produzir a borracha. O que acabou acontecendo foi que os fungos se instalaram na monocultura, contaminando e inviabilizando a continuidade do projeto. O lugar foi abandonado, mas não esquecido e o que sobrou são as ruínas que hoje performam, entre outras coisas, a narrativa épica do progresso, que Stengers (2015) define pelo apagamento de todo e qualquer tipo de prática e existência em prol do lucro.

Podemos mencionar outros exemplos que igualmente traduzem esse modo extrativista e exploratório imposto por um regime que nos induz, senão obriga, a pensar a natureza como um recurso natural. Em Ilhéus, no sul da Bahia, tivemos a vassoura-de-bruxa, um fungo que assolou a produção de cacau em larga escala e interrompeu os planos capitalistas que almejavam tornar a região um centro produtor. Até hoje colhemos os frutos disso, sobretudo porque atualmente nossa produção de chocolate é basicamente para exportação, e por aqui o que temos hoje não são chocolates e sim ultraprocessados que se aproximam do que um dia foi chocolate. Enquanto isso, os melhores chocolates são produzidos na Europa, em países onde o cacau nem existe. É interessante marcar essa lógica que operacionaliza o mundo: comprem a matéria-prima de países pobres ou em desenvolvimento, processam e revendem a altos preços.

A cidade de Pripjat, adjacente à usina de Chernobyl, também é um bom exemplo de ruína. Criada para ser um centro de geração de energia por radioatividade, precisou ser evacuada logo após a reação em cadeia dos elementos químicos que culminou na explosão dos reatores e liberação massiva de radioatividade. No

livro *Vozes de Chernobyl – a história oral do desastre nuclear*, de Svetlana Alexievich, as pessoas entrevistadas relataram sob que condições passaram a conviver com as ruínas da cidade, como, por exemplo, ter que comer batatas cultivadas em terras contaminadas por radioatividade ou pelo modo peculiar como passaram a ser marcadas como homens e mulheres de Chernobyl; a forma como o ocorrido as fazia olhar para o porvir, já sem esperança, sem credibilidade.

Há muitos anos visitei outra ruína, na cidade de São Domingos, localizada no norte de Goiás. Durante a construção de uma pequena central hidrelétrica na região, houve um plano de inundação malsucedido que afetou a parte da cidade onde ficava o cemitério, e até hoje os mortos seguem debaixo d'água. Essas, entre tantas outras histórias de ruínas como a de Mariana, de Belo Monte, das antigas fazendas de cana-de-açúcar abandonadas, performam a lógica de um sistema econômico-político que esmaga o outro e o faz parecendo ser esse o único caminho possível.

Acho que foi um pouco por e com essas histórias que cheguei na Vila Epecuén, um pequeno distrito localizado na cidade de Carhué a sudoeste de Buenos Aires, Argentina. A história dessa ruína segue, em parte, roteiro igual ao das outras que mencionei: uma tentativa frustrada de uma lógica hegemônica de tornar tudo explorável. Em comum, de um modo geral, as ruínas carregam em si o abandono dos investidores/idealizadores e a naturalização da catástrofe como um evento fortuito, deixando enorme prejuízo, em várias instâncias, incluindo emocional, para os que, sem opção, são forçados a deixar o lugar ou lá permanecer, na maioria das vezes, sob condições repugnantes.

Essas histórias, porém, sobretudo em tempos de Antropoceno, nos convocam a pensar e a olhar para as formas como têm sido contadas, como impregnam nossos imaginários e como, partindo disso, podemos construir novos modos de pensar e de habitar essas ruínas em um ato de desobediência a essa lógica. É nesse ponto de virada que localizo as criações e processos artísticos, pois uma “capacidade da atividade artística para construir novos regimes de percepção ganha força como recurso inestimável da existência humana para fazer frente aos desafios do momento presente” (Guzzo, Taddei, 2019, p. 75). É por meio desse novo regime de visibilidade, capaz de exhibir e de fazer sentir com as camadas que compõem o problema do Antropoceno, que as artes habitam um lugar de potência.

Regina Johas (2018) levanta a questão do abandono e dos modos de exploração da terra que permeiam o Antropoceno a partir de sua exposição intitulada *Rotas esquecidas*. A artista fez um mapeamento da rota do açúcar em Ceará-Mirim no Rio Grande do Norte, e registrou por meio de fotografia e vídeo aquilo que restou dos antigos engenhos de açúcar. A região foi a maior produtora de açúcar do século 19 aos anos 1920 e hoje guarda ruínas abandonadas desses casarões, bem como os altos impactos das plantações de monocultura, dos usos de herbicidas, excesso de corretivos químicos para tornar o solo propício à exploração, alterações nas existências multiespécies que antes habitavam o lugar.

Anunciação (2023), obra de Liz Haddad, também coloca em relevo os modos como o regime econômico explora e trata a terra. A artista coletou porções de terra do vilarejo de Bento Rodrigues, na região de Mariana, MG, soterrado pelo rompimento da barragem em 2015. Ela organiza pequenos fragmentos expostos no chão, como tentativa de não deixar que o desastre seja esquecido, bem como de dar visibilidade ao fato de que, de acordo com o relatório da Agência Nacional de Mineração, das 929 barragens registradas, 109 estão enquadradas em estado de alerta e três estão condenadas. Isso significa que desastres como o de Mariana podem acontecer novamente.

Esses projetos artísticos nos fazem pensar-com eles, sobretudo pelos modos como operacionalizam a elaboração do problema. As artistas instauram formas de tornar visível aquilo que produziu o abandono e que foi ou pode ser esquecido. Se por um lado a ideia é que esses abandonos não sejam esquecidos, por outro lado é também uma oportunidade para nos fazer pensar na forma como essa narrativa hegemônica estrutura nosso modo de habitar a Terra e nos faz não questionar, não estranhar as violências que são performadas por essas ruínas. Essas violências estão na trama do que temos chamado de, entre outros nomes, Antropoceno, cuja polissemia tem atraído pesquisas de diversas áreas.

Pensar-com essas ruínas nos coloca diante do desafio de pensar nesses processos de violência que são os meios pelos quais esses projetos são estruturados, sem o menor cuidado com a paisagem que levou anos para se formar, em meio a arranjos e rearranjos propiciadores de existências multiespécies e com a delicadeza própria de todos esses processos vivos de tornar-se algo a partir dos encontros. Como poderíamos experimentar habitar essas ruínas? E se nos dispuséssemos a contar outras histórias com elas? Ou se olhássemos para as infinitas relações que se materializam ali e fazem delas as ruínas que são e

podem ser? Se pudéssemos ter a chance de olhar, de maneira mais gentil, para esses processos ecológicos que embalam a paisagem e fazem dela uma singularidade, que outras tantas mundificações, pensando com Haraway (2023), poderíamos encontrar?

Neste texto, proponho uma cartografia para pensar com o Antropoceno e a arte como possibilidade de fazer existir materialmente outro regime de visibilidade e, conseqüentemente, abrir margem para criar novos modos de pensar, de agir e de sentir diante dessas paisagens que trazem as marcas do esgotamento. Isso é feito a partir de registro fotográfico realizado durante uma visita à Villa Epecuén, na Argentina, em setembro de 2023. Essa é uma tentativa movida por um desejo genuíno de que possamos fazer das ruínas, mais do que um lugar abandonado com os escombros que marcam o acontecimento de uma catástrofe, um novo modo de pensar um mundo a partir de especulações que nos ejetem dessas linhas capturadas. É uma forma de aprender com essas marcas deixadas na terra que são, acima de tudo, políticas por apresentar os modos como as relações são feitas no e com esse lugar. É também uma tentativa de regenerar e resgatar nossa sensibilidade e nosso imaginário que está impregnado por essa lógica hegemônica que nos engessa e nos faz experimentar um mundo sob a sua matriz. O desafio é até que ponto e sob quais condições isso pode se tornar possível e, por isso, a escrita deste texto é também um exercício especulativo que reforça a necessidade de nos fazer experimentar a existência de um mundo outro.

Pensar com o lago Epecuén

O termo Antropoceno tem trajetória curiosa. Cunhado pelo ecólogo Eugene Storer na metade do século 20, sem grandes pretensões, o termo ganhou força quando Paul Crutzen publicou um texto com Storer mencionando os efeitos tanto biológicos como atmosféricos do aumento dos gases de efeito estufa. Posteriormente, esse trabalho tornou-se base para a proposição, agora combinada com os métodos da geologia, do Antropoceno como nova época geológica. Embora a Comissão Internacional de Estratigrafia – e aqui não entrarei no mérito das discussões sobre a composição e os critérios adotados – tenha negado o Antropoceno como uma nova época geológica, o termo também atçou outras áreas de conhecimento.



Figura 1
Habitar as ruínas I, fotografia,
Villa Epecuén, 2023
Acervo da autora

Nesse sentido, as ciências humanas e sociais abraçaram essas discussões e têm proposto novos regimes de visibilidades que mostram haver nessa crise ambiental muito mais do que os protocolos da geologia conseguem mensurar isoladamente. Para dizer o mínimo e de forma muito resumida, estamos diante de um momento em que as ações humanas têm instaurado um regime climático que tem aumentado a temperatura global devido ao uso de combustíveis fósseis. A história do uso de combustíveis fósseis, contudo, não se pode negar, é também a história da forma como criamos nossas relações balizadas por uma lógica colonial de habitar a terra: os processos de exploração, apagamento, aniquilação e abandono etc. É sobre essas relações que as ciências humanas e sociais têm se debruçado visando torná-las visíveis para fazer sentir com essas como camadas que compõem o Antropoceno.

Essas diferentes entradas no Antropoceno também fizeram com que vários nomes alternativos fossem atribuídos a este momento – Capitaloceno, Chuloceno, Plantatioceno, entre outros com os quais igualmente podemos pensar. Essa polissemia do termo tem sido um atrativo e tem colocado em relevo os modos como as narrativas ganham lugar no mundo. A polissemia do termo produz, e segue produzindo, desdobramentos sobretudo nas áreas de ciências humanas e sociais. Tais questões atravessam o entendimento que temos de antropos, de humanidade, entre outros, e têm colocado em relevo os modos como as narrativas ganham lugar no mundo e como isso faz com que determinadas relações passem a ser constituintes de um determinado mundo. Por isso, nomear, para Stengers (2015, p. 48), é uma ação pragmática que envolve pensar naquilo que importa e que tem relação direta com os efeitos que essa ação suscita:

nomear não é dizer a verdade, e sim atribuir àquilo que se nomeia o poder de nos fazer sentir e pensar no que o nome suscita. No caso presente, trata-se de resistir à tentação de reduzir a um simples “problema” o que constitui acontecimento, o que nos atormenta. Mas também de fazer existir a diferença entre a questão imposta e a resposta a ser criada. Nomear Gaia como “a que faz intrusão” é também caracterizá-la como cega aos danos que provoca, à maneira de tudo o que é intrusivo. Por isso a resposta a ser criada não é uma “resposta à Gaia”, e sim uma resposta tanto ao que provocou sua intrusão quanto às consequências dessa intrusão.

Nomear, portanto, tem a ver com os efeitos imediatos nos mundos e como esses efeitos passam também a ser constituintes desses mundos, assumindo um tipo peculiar de desafio posto por Donna Haraway (2023) de ficar com o problema. Falar de Antropoceno é um convite, com olhares mais cuidadosos, para revisitar esses *modi operandi* que nos trouxeram até aqui e pensar com eles os novos caminhos. Esses novos olhares vêm acompanhados de um novo regime de visibilidade, e é por e com ele que nos tornamos mais atentos e, quem sabe, mais gentis. O que se espera é que esse exercício de ficar com o problema, de adensar as camadas do Antropoceno nos possibilite sair dessas linhas hegemônicas que nos acimentam o pensamento, as sensações, os modos de pensar. É nesse lugar que a arte tem ganhado mais espaço nesse cenário e tem mobilizado novos modos de pensar a partir da forma como essas questões que compõem o Antropoceno têm sido postas.

É diante desse modo de ficar com o problema que vem esse exercício de pensar com o lago Epecuén em tempos de Antropoceno. Para situar, esse lago faz parte de uma bacia hidrográfica formada pela colisão da grande placa de Nazca, que se chocou com o continente em que fica o Brasil e imprensou a água do mar em alguns pontos específicos. Esse choque originou a cordilheira dos Andes em toda sua magnitude, beleza e paisagens peculiares. Como resultado, temos nessa região os lagos hipersalinos que não possuem saída para o mar nem para rios adjacentes. Eles se enchem com as águas da chuva e, na estação seca, essa água evapora fazendo com que eles sequem e/ou fiquem no limite. Durante a estação seca, os flamingos chegam na região para se alimentar das algas, larvas de insetos e pequenos crustáceos que habitam as águas salgadas, antes de migrar para outras regiões. Essas relações compõem a paisagem da qual o lago Epecuén também é um habitante e esses arranjos e rearranjos de um lago que não tem vazão, tornam a paisagem peculiar e delicada.

Na década de 1920, o lago Epecuén era um dos principais destinos turísticos durante o verão argentino por conta das propagandas em torno das possíveis propriedades medicinais de suas águas, bem como de seu alto teor salino que propiciava flutuabilidade similar à do mar Morto, atraindo muitas pessoas. Villa Epecuén era o local que dava acesso ao melhor ponto do lago e por isso viveu uma explosão turística que também se tornou econômica, captando investimentos dos grandes empreendimentos hoteleiros, como foi o caso do Hotel Matadouro. Naturalmente, porém, o lago seguia com seu regime de secas e cheias, e nem em todos os verões se tornava banhável. Pelo que entendi enquanto estava em Carhué, para o lago ter boas condições de banho é necessária uma determinada quantidade de chuva capaz de dissolver o sal. E, pensando na não linearidade dos regimes climáticos, nem sempre as chuvas eram suficientes para isso, o que deixava o lucro dos empreendimentos nas mãos da delicada arquitetura ecológica do lugar.

Na década de 1960, a região viveu severa estiagem, os lagos permaneceram quase secos durante alguns anos como reflexo da dinâmica da paisagem e de seus componentes. Essa dinâmica hídrica foi considerada problemática pelos donos das redes hoteleiras e empreendedores locais, muito provavelmente alegando também a necessidade do turismo para manutenção dos empregos da população local e do desenvolvimento econômico da região.

Como observa Stengers (2015), dependendo de como as questões são formuladas, acaba-se dando ao outro o poder de formular o problema. As ruínas de Villa Epecuén são frutos da naturalização desse discurso de estimular um tipo de progresso e desenvolvimento econômico que, no final das contas, resulta em miséria, esgotamento e abandono.



Figura 2
Habitar as ruínas II,
fotografia, Villa Epecuén,
2023
Acervo da autora

As ruínas de Epecuén performam esse modo exploratório que dita como devemos habitar a Terra, e essa mesma matriz imanta nossas subjetividades e nos faz agir, sentir e pensar alinhados a ela. Pignare e Stengers (2018) chamam de alternativa infernal as soluções criadas pelo sistema capitalista, ditas racionais e inventadas dentro dessa matriz da lógica hegemônica que imanta, captura e

se apropria das formas de pensar, de sentir, de agir e de resistir, de criar e de imaginar. Essa captura nos rouba a capacidade de imaginar longe das alternativas infernais. É nesse sentido que podemos pensar o Antropoceno como fruto dessa articulação entre um sistema de exploração do outro e um sistema político que nos faz criar relações nas quais uns são protagonistas e outros são apagados.

Nas palavras de Valentim (2018, p. 72) em uma entrevista, “conforme podemos testemunhar mundo afora, o fascismo é a política oficial do Antropoceno (assim como o capitalismo, o seu sistema econômico)”. Trata-se de uma máquina arquitetada para explorar, aniquilar e que, com o mesmo impulso, nos faz ser peças de suas engrenagens. A dinâmica do lago, a presença dos flamingos, a delicadeza do local, da sua ecologia e os moradores atrelados àquela terra tiveram pouca importância diante da pressão por parte dos donos das redes hoteleiras e dos empreendedores sobre as autoridades para que garantissem o lago cheio o ano todo. Foi imposta uma alternativa infernal: ou enchemos o lago ou não teremos como garantir os empregos e o desenvolvimento econômico da região. Aqui vale retomar algumas outras alternativas infernais também, como foi em Belo Monte: ou fazemos a usina ou ficaremos sem energia elétrica; ou produzimos cacau em larga escala ou não teremos emprego; ou prospectamos minério ou não teremos aparelhos eletrônicos... alternativas infernais se colocam como se nada mais, além delas, fosse possível.

Cada situação onde alternativas infernais se impõem, salientávamos, foi “fruto de fabricações pacientes, em pequeníssima escala, de experimentações preventivas. O que se apresenta como “lógico” foi fabricado por múltiplos processos de reorganizações ditas “racionais”, que visaram antes de tudo, obstinadamente, minar ou aprisionar nossas capacidades de pensar e resistir daquele que tinham meio para isso (Stengers, 2015, p. 15).

A alternativa infernal foi construir um canal para dragar as águas salgadas do lago vizinho e manter o lago Epecuén cheio o ano todo, desprezando toda a ecologia das distintas existências dos habitantes da paisagem, mas garantindo a exploração da paisagem. O que aconteceu em Epecuén foi mais um arranjo orquestrado pela lógica do lucro que, diante de toda a delicadeza do lago, não via outra coisa senão um lugar a ser explorado. Obviamente, isso foi como uma

crônica de uma morte anunciada:¹ alterar a dinâmica de um lago tão delicado era assumir a possibilidade de um desastre. E o desastre, como posto por Taddei (2024), deve ser pensado não como uma resposta do ambiente, uma resposta externa aos fatos, mas sim como a forma como assumimos criar uma relação com esse lago e, aliás, com tantos outros. À medida que assumimos que nossos modos de nos relacionar com o outro estão contaminados, podemos nos tornar capazes de traçar certas linhas de fuga que nos expurguem dessa matriz hegemônica e ative em nós outras possibilidades de imaginação e de cuidado. Talvez essa seja uma das exigências que as urgências do Antropoceno tenham colocado na mesa.

Na década de 1980, Villa Epecuén teve fortes chuvas, sobretudo a de 1985, que veio para mudar totalmente a paisagem. Uma espécie de reservatório que fora construído pela obra de canalização, teve seu volume aumentado com as águas das chuvas. O que inicialmente não pareceu preocupante, se tornou um grande problema quando a barreira de contenção começou a rachar. A água foi subindo, alcançando as casas, e as autoridades locais tiveram que decretar a evacuação urgente porque a barreira de contenção iria estourar. Dito e feito: a água salgada foi se espalhando rapidamente pela vila até chegar no limite de Carhué, a cidade que fica a aproximadamente 8km de Villa Epecuén. Quem ainda ali estava teve pouco tempo para sair.

Somente a partir de 2008, a água começou a ceder e a baixar seu volume, revelando as ruínas de Villa Epecuén. Percorri esses quilômetros entre Carhué e Villa Epecuén de bicicleta emprestada por uma moradora e fui parando para fazer registros fotográficos talvez como tentativa de encontrar conexões, ainda que parcialmente, com tudo o que acontecera e com toda aquela paisagem esbranquiçada pelo sal; ou talvez mesmo como resultado de um certo assombro, que me fez ir parando no caminho. O que o lago Epecuén nos diz com sua inundação é que, uma vez que criamos uma relação com ele sem considerar sua própria dinâmica, assumimos estar criando uma relação desleal que desconsiderou suas sazonalidades. A inundação é o reflexo desse não-viver-juntos, não-habitar-em-relação. Vale a pena aqui uma citação de Brito, Costa e Silva (2025, n.p.),

¹ Menção ao livro homônimo de Gabriel García Márquez, no qual a morte está anunciada no título do livro e nas primeiras páginas do romance.

ressaltando a importância de conhecer o mundo a partir das relações que se podem estabelecer-com para viver juntos.

Os povos amazônicos, particularmente aqueles que moram às margens dos rios, no interior das florestas, souberam perceber e ler uma gramática das águas, entender os seus movimentos sazonais de transbordamento, escrevendo com elas modos singulares de viver junto, compondo para si mundos imanentes.



Figura 3
Habitar as ruínas III,
fotografia, Villa Epecuén,
2023
Acervo da autora

Pensando que uma das grandes questões do Antropoceno é a da habitabilidade, de uma necessidade de reaprender a viver juntos, Danowski e Viveiros de Castro (2017) colocam luz na questão sobre o fim do mundo. Que mundo é esse que precisa acabar? E quando acaba, o que arrasta consigo e quais espaços abre para que outras coisas passem a existir? Para eles, “o fim do mundo é um problema posto por e para o pensamento, pois só o pensamento problematiza – o que não significa, o que é menos trivial, que só os humanos pensam, isto é, tenham mundo a perder” (p. 36). Ao mesmo tempo, eles colocam também que todo fim é sempre uma possibilidade de começo.

Pensar com o lago Epecuén é assumir também outras formas de contar e criar histórias e relações. Ao optar por uma alternativa infernal que colocou (e segue colocando) o lago em risco – bem como toda a sua ecologia de longos anos que entrelaça os seres que fazem parte dessa dinâmica –, torna-se perceptível a força dessa lógica hegemônica que nos enfeitiça e nos faz parar de imaginar outras situações possíveis diante de suas ofertas infernais. É nesse lugar que pensar com o lago Epecuén é insistir em dizer que há outros modos de viver e experimentar as existências; afinal, já se vive de outras maneiras em outras teias, tocas, lagos etc., nos quais as relações não são balizadas pela engrenagem capitalista-fascista. E isso é insistir nesse exercício de que, por mais que as alternativas infernais insistam em afirmar e reafirmar o contrário, existem outros mundos possíveis que precisam ser imaginados e experimentados. Esse é um dos convites que o Antropoceno nos faz.

Pensar com as ruínas para exercitar outras existências possíveis

Diante desse convite, torna-se interessante fazer exercícios de pensamento que nos coloquem diante da possibilidade de fazer existir outros mundos, rompendo com essa ideia, imposta pela lógica hegemônica, de que existe apenas um mundo – este balizado pela exploração, pelo esgotamento. Com a arte podemos pensar e exercitar esses novos mundos, à medida que o artista testemunhe algo e o torne visível. Isso pode ofertar novas formas de praticar os lugares, as alianças, os sentidos; nas palavras de Marina Guzzo (2020, p. 3) nos faz “ampliar regimes de percepção e de sensibilidade”, instaurando um novo regime de visibilidade e de sensibilidade.



Figura 4
Habitar as ruínas IV,
fotografia, Villa Epecuén,
2023
Acervo da autora

Talvez assim, possamos resgatar nossas capacidades de imaginar que foram enfeitiçadas pela lógica hegemônica. Isso porque, um componente da crise da qual o Antropoceno emerge é a falta de imaginação cuidadosamente produzida pela feitiçaria capitalista (Stengers, Pignare, 2018). Essa feitiçaria, de acordo com os autores, é a forma pela qual o sistema econômico captura nossas subjetividades, se reproduz a partir disso e nos coloca como peças dessa maquinaria: e se pensássemos as ruínas para além daquilo que é alcançado pelos olhos? E se pensássemos nas histórias que desapareceram, nos sonhos e imaginações que também foram destruídos pelo solapamento da barragem de Epecuén? As imagens das ruínas, assim como fez Regina Johas em *Rotas esquecidas* (2018), são como um fio que sustenta essas paisagens para que não sejam apagadas ou esquecidas como foi feito com muitas outras histórias. As ruínas e

os esquecimentos performam as práticas deste mundo que nos sufoca e que só produz escombros, abandonos e tristezas.

E se ficássemos com esse problema, pensando com Haraway (2021) e nos dedicássemos a esse exercício ontológico de pensar-com as ruínas? E se agíssemos como artistas na tentativa de ver o ainda não visível? Talvez isso nos tirasse da sensação de que estamos condenados a esse suposto mundo único no qual só fazem sentido as alternativas infernais. Com as imagens, acrescentamos camadas para contar a história do lago e das ruínas de Epecuén para pensar-com essa paisagem socioclimática e ficar com o problema, no sentido de inventar outros processos para atravessar esses mundos que estão na esfera do porvir. Atravessar mundos é também se deixar imantar por novos modos de agir, pensar e sentir que precisam emergir de nossa dedicação aos escombros; é escutar as demandas daqueles que foram invisibilizados nos processos das escolhas e decisões.

Nesses exercícios, o que assumimos é como vamos lidar com tais situações que nos fazem pensar, sobretudo nestes tempos, quando não podemos nos recusar a escutar as demandas da Terra. “Importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa quais relações relacionam relações. Importa quais mundos mundificam mundos. Importa quais histórias contam histórias” (Haraway, 2023, p. 69). Importa agora, diante de tanto assombro, nos empenhar para pensar, com alegria e paixão, em histórias que nos despertem e que nos façam enxergar novas possibilidades de mundos mais gentis.

O que essas ruínas performam são as narrativas invisibilizadas daqueles que têm sido esmagados – isso é algo que o Antropoceno, como condição, escancara. As ruínas são as marcas desses ecocídios, das paisagens que desaparecem, mas que não podem ficar esquecidas. Como pensar-com mundos que desaparecem? Apelar e apostar em outro regime de visibilidade criado com e pela arte é inaugurar outra forma de prestar atenção e, consequentemente, de criar um novo modo de ter cuidado. As imagens das ruínas nos fazem retomar essas histórias, mas também nos fazem pensar em outras. É com elas que entramos em imersão para pensar pelo meio, como sugere Stengers (2015), com a ecologia das práticas. Assim podemos pensar em novas celebrações, em modos de encontrar vida em tudo isso que foi apagado, pois esse ecocídio em Epecuén fez um mundo inteiro desaparecer. O que fazer diante desses desaparecimentos?



Figura 5
Habitar as ruínas V,
fotografia, Villa Epecuén,
2023
Acervo da autora

Talvez seja esse um dos nossos compromissos especulativos e, portanto, artísticos diante desses mundos possíveis e imaginários. Daí a importância de pensar a arte também como celebração desse algo por vir, desse gesto mínimo (Manning, 2019, p. 12), isto é, “a força gestual que abre a experiência para a sua potência de variação”. Então nos abrimos a um novo processo para reaprender a contemplar, escutar, sentir-com os territórios com os quais estamos vinculados e/ou podemos criar vínculos. É uma proposição de novos olhares para as ruínas como forma de despertar o corpo todo a sentir diante e especular, resgatando para si as experimentações que foram roubadas por essa lógica infernal que nos mecaniza. Talvez assim, possamos nos tornar capazes de outros vínculos (Stengers, 2021), isto é, quando algo passa a nos interessar, a nos importar e a

nos colocar em posição de prestar atenção às distintas sinfonias que produzem e são produzidas em um mundo que é cocriado por isso. Essas ruínas, em suas reviravoltas, nos apresentam um entremundo que opera entre a racionalização tecnocientífica, que mecanizou as existências em nome de lhes arrancar suas *commodities* e seus ativos, e a necessidade urgente de resgatar a poesia, o encantamento e de encontrar vida onde ela pulsa ou insiste em pulsar – apesar do mundo.

Algo só se torna interessante se nos tornarmos capazes de prestar atenção. Com as ruínas de Epecuén testemunhamos um mundo que precisa morrer, até para abrir possibilidade de outros por vir (Danowski, Viveiros de Castro, 2017). E talvez isso só se torne possível se nos dispusermos a sair de maneira errante pelo mundo, coletando fragmentos apagados, esquecidos e abandonados para que eles nos coloquem diante de outras possíveis amarrações, de novas alianças e composições: pequenos exercícios com os gestos menores.

É nessa linha que os artistas João Castilho, Pedro David e Pedro Motta (2008) trazem à tona, com suas *Paisagens Submersas*, uma coleção de imagens feitas com as comunidades ribeirinhas do Jequitinhonha, cujas terras foram parcialmente inundadas para formar o lago da Usina Hidrelétricas de Irapé. Nas imagens, ora em cor, ora em preto e branco, pode-se perceber a insistência de um povo em habitar e fazer existir vida onde o que restou foram escombros. A arte retrata essa travessia de mundos, os entremundos, mundos parciais, que nos colocam diante de uma alteridade até então desconhecida: uma abertura para novas sensações.

Hoje em dia, as ruínas de Epecuén estão abertas à visita, mediante o pagamento de ingresso de valor simbólico que na época era algo em torno de 20, talvez 30 reais. Quando visitei, encontrei um casal de argentinos moradores de Mar del Plata. Estávamos na ruína do clube de Villa Epecuén e ele me disse: “destruiu tudo, não sobrou nada. E agora também não se faz mais nada com isso aqui”. Em um certo sentido, concordo com ele; mas discordo em outro, pois acredito que precisamos pensar-com essas ruínas para que novas histórias apareçam e para que novas sensações sejam inventadas diante desses escombros. Abandoná-las e não persistir com elas é dar a vitória à lógica hegemônica que nos faz pensar que estamos com as mãos atadas.



Figura 6
Habitar as ruínas VI,
fotografia, Villa Epecuén,
2023
Acervo da autora

Stengers (2021) diz que precisamos hesitar. Hesitar diante daquilo que está posto, do hábito de pensar dentro dessa matriz que se agarra a um mundo no qual a exploração é a lógica que baliza as existências é, como diz a autora, dar à situação o poder de fazer pensar; ao fazer isso, porém, precisamos não perder de vista o fato de que a tal situação não está pronta, mas em processo, e é dela e por ela que encontramos esse novo *éthos* do pensamento. Por isso é razoável dizer que uma ruína não preexiste e sim que ela é secretada. A questão, daqui em diante, é como seguir esses rastros a ponto de os tornar interessantes em uma perspectiva ontológica, epistemológica e pragmática para que esse esforço nos faça entrar em disputa com esse regime de visualidade que as ruínas colocam diante de nossos olhares ao expor todo um arquivo colonial com o qual é possível remontar e contar a história do Antropoceno.

Surge, então, a necessidade de nos interessar pelas outras histórias que foram invisibilizadas: a das águas, dos flamingos que habitam temporariamente a região, das terras hoje salgadas, da vegetação que insiste em permanecer ali e compor com a salinidade da paisagem. A ecologia do lago é também a do flamingo, e é nessas histórias que precisamos prestar atenção, perceber os modos como os outros são ativados por essa relação que os compõe e lhes desperta interesse por motivos distintos. É preciso estar nesse emaranhado para fazer despertar nossas capacidades outras de nos envolver com as histórias humanas e mais que humanas que estão em todas as paisagens das quais também somos parte. Isso será constituinte também de uma nova subjetividade que emerge junto com esse mundo, imantado de sensações.

Como nos diz Despret (2022), salta a necessidade de aprender a sentir com essas paisagens que desaparecem e empobrecem o mundo de experimentações. Ao perceber que cada existência é uma maneira específica de conhecer e de habitar o mundo, torna-se possível ampliar o escopo de sensibilidades do mundo. Como observa a autora, “multiplicar o mundo para torná-lo mais habitável”² (p. 13). Então as paisagens em ruínas de Villa Epecuén, também se tornam as dos flamingos – que seguem por ali, enfiando seu bico peculiar nas águas salgadas do lago para catar seu alimento e voltar, quem sabe a colorir novamente essas paisagens devastadas pelas alternativas infernais. Cuidado, como alerta Despret, é estar atento ao modo como o outro é ativado no mundo.

² Tradução minha do original: *multiplicar el mundo para hacerlo más habitable*.



Figura 7
Habitar as ruínas VII,
fotografia, Villa Epecuén,
2023
Acervo da autora

Multiplicar a possibilidade de especulação com essas paisagens desaparecidas é o que nos abre à experiência. Cultivamos assim a alegria de pensar junto com a paisagem, junto com essas ruínas que performam histórias e com esses outros modos de contar as histórias que nos apresentam novos mundos nos quais já se vive de outras formas. Durante minha ida para as ruínas de Epecuén, cheguei a ver uma possível lebre em disparada quando me percebeu na paisagem, dois gaviões à espreita em uma árvore esbranquiçada pelos efeitos do sal, uns outros pequenos pássaros procurando algo na porção encharcada da areia do lago... uma imersão apaixonada nos encoraja a observações e escutas minuciosas dessa rapsódia que é o mundo, sem estruturas rígidas, mas que vão entrando em composição a partir daquilo que ressoa no território.

Agora o mundo já não é mais o mesmo.

Mundos mundificam mundos e se expandem mutuamente toda vez que incluem uma nova perspectiva, uma nova história, uma nova sensação que embaralha tudo (Haraway, 2023), transformando as existências novamente em rascunho, dando a elas a força e a potência dos possíveis. Que mundos são capazes de fazer existir outros mundos? Como esses mundos são experimentados para imantar pequenas porções com uma vida errante e pulsante? Que gestos nos tornam capazes de fazer florescer outras existências, de emancipar nossos mundos e nossas imaginações que foram enfeitiçadas? Inspiradas pela prática de sair em visita feita por Vinciane Despret (Haraway, 2023), vamos cultivando a destreza de andar pelo mundo errando os caminhos, abertas às surpresas que o caminhar proporciona e carregando conosco a certeza de que toda vez que encontramos algo no mundo, esse mundo já não é mais o mesmo. E fazer isso justifica-se como forma de nos manter atentas à poesia que resguarda e salvaguarda um mundo, desde que estejamos abertas à experiência.

Agora o mundo já não é mais o mesmo...

Quando peguei a estrada de volta para Carhué era final da tarde, fazia frio, e o vento estava bem forte, a ponto de me desequilibrar na bicicleta e me obrigar a algumas paradas. Em uma delas, olhei para o chão e vi pequenas poças secas com cristais de sal. A beleza dessa criação saltava a meus olhos e me fazia olhar um mundo inteiro. Talvez seja essa também uma das potências da arte ao convocar, pela experiência, os gestos menores e nos colocar em uma espiral de sensibilidades para dar conta da entrada de um novo movimento no mundo.



Figura 8
Habitar as ruínas VIII,
fotografia, Villa Epecuén,
2023
Acervo da autora

E como suportar a entrada desses novos movimentos que trazem outras possibilidades e, com isso, reestruturam todo o campo da experiência? Acho que caminhar pelo mundo contemplando-o no sentido de prestar atenção e com cuidado, persistindo, no sentido de quem quer fazer existir outros mundos, nos possibilita chegar a um ponto em que as palavras perdem a importância por não dar conta das sensações produzidas pelo encontro. E, a partir disso, experimentamos a existência desses outros mundos com os quais podemos nos tornar capazes de criar novas alianças. Uma vez presentes nesses momentos nos quais as palavras sucumbem às sensações que nunca existirão com tanta intensidade quanto naquele exato momento. E talvez essa efemeridade, essa existência frágil desses momentos que nos acontece, seja o que nos resta nessas tentativas de abrir espaço para que possamos vislumbrar outros presentes possíveis.

O que está em jogo são esses modos pelos quais contamos as histórias daqui para a frente, pois dependendo de como contamos, damos às vozes que contam o poder de modelar nossas imaginações, emoções e sensações. Estamos aqui para perturbar essas narrativas – esse precisa ser nosso compromisso especulativo diante deste mundo assombrado e assolado por essa lógica do lucro. Resistir a essas histórias é afirmar novas existências, criar alianças mais sensíveis, buscar outros novos possíveis e fazer barulho com essas e tantas outras ruínas oriundas desse modo infernal com que temos habitado o planeta. Se o capitalismo é um sistema que não gosta de barulho, o convite aqui é para tocar tambores.

Fabiola Fonseca é formada em ciências biológicas pela Universidade Federal de Goiás, tem mestrado em ensino de ciências e matemática pela mesma universidade, doutorado em educação pela Universidade Federal de Uberlândia/Harvard, pós-doutorado em arte pela Universidade Federal do Ceará e pós-doutorado em educação para sustentabilidade pela Universidade de Campinas. Atualmente é pesquisadora em educação no Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Referências

- BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos; SILVA, Carlos Augusto Silva e. Ruínas do Antropoceno e a escrita com as águas. *Revista ClimaCom*, ano 12, n. 28, dossiê Manifesto das águas, 2025.
- CASTILHO, João; DAVID, Pedro; MOTTA, Pedro. *Paisagem submersa*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e barbárie editora, 2017.
- DESPRET, Vinciane. *Habitar como un pájaro*. Buenos Aires: Cactus, 2022.
- GUZZO, Marina Souza Lobo. Práticas artísticas diante do Antropoceno: uma experiência de refúgio. *Liinc em revista*, v. 18, n. 1, p. e5908, 2022.
- GUZZO, Marina; TADDEI, Renzo. Experiências estéticas e Antropoceno: políticas do comum para os fins do mundo. *D&D*, Buenos Aires, n.17, 2019.
- HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: Editora n-1, 2023.

JOHAS, Regina. Arte na Era do Antropoceno. *Arteriais-Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, Belém, v. 4, n. 6, p. 142-149, 2018.

MANNING, Erin. Proposições para um movimento menor. *Moringa – Artes do Espetáculo*, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/49811>. Acesso em 18 maio 2026.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. Notas introdutórias a uma ecologia das práticas. *ArteCompostagem* 21. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2021.

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. *La brujería capitalista: prácticas para prevenirla y conjurarla*. Buenos Aires: Hekht libros, 2018.

TADDEI, Renzo. O Antropoceno exige pensar o cuidado de novas formas. In: *Encontros de cultura e saúde: como a antropologia pode ajudar a pensar o SUS hoje* / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Superintendência Estadual do Rio de Janeiro. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

VALENTIM, Marco Antonio. Fascismo, a política oficial do Antropoceno. *Revista Instituto Humanitas Unisinos*, 2018.

Artigo submetido em março de 2026 e aprovado em junho de 2026.

Como citar:

FONSECA, Fabiola. Um encontro com as ruínas. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 32, n. 51, p. 198-221, jan.-jun. 2026. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n51.10>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>